

## BREVE SÍNTESE DO POVOAMENTO PRÉ-HISTÓRICO NO PLANALTO MIRANDÊS\*

por **Maria de Jesus Sanches\*\***

Neste trabalho tencionamos apresentar algumas ideias acerca da evolução do povoamento pré-histórico de uma região basicamente homogénea do NE de Portugal — o Planalto Mirandês — entre os finais do IV.º e os inícios do II.º mil. a.C.. Elas baseiam-se:

Na distribuição geográfica e topográfica das diferentes estações arqueológicas — monumentos providos de *tumulus* (mamoas), povoados de ar livre, abrigos e grutas utilizados com fins sepulcrais e/ou habitacionais e ainda abrigos e rochas com arte rupestre;

Na caracterização geográfica e fitoclimática do território na actualidade. Tomamos como ponto de referência a paisagem actual pois não dispomos de elementos antracológicos e palinológicos susceptíveis de nos indicarem com mais precisão a fisionomia passada do território;

Na escavação de dois *tumuli* — Mamoas 3 de Pena Mosqueira e Mamoas do Barreiro (Mogadouro), de dois povoados — Cunho e Barrocal Alto (Mogadouro) — e no estudo de gravuras (conjunto de abrigos de Atenor — M. do Douro — e F. do Diabo — Mogadouro) e pinturas (abrigo de P. Roias — Mogadouro);

No estudo de espólio proveniente de escavações antigas e de prospecção;

---

\* Este texto corresponde ao resumo do trabalho intitulado «*Contribuição Para o Estudo da Pré-história Recente no Planalto Mirandês*», apresentado na Faculdade de Letras da Univ. do Porto, em 11 de Nov. de 1988, no âmbito das «Provas de Aptidão Pedagógica e Capacidade Científica», da C. D. Universitária. (Livro em publicação nos *Trabalhos de Arqueologia do IPPC*).

\*\* Instituto de Arqueologia da Faculdade de Letras — Porto.

A cronologia absoluta apoia-se em 4 datas de C 14 (não calibradas):

CSIC-756 —  $2980 \pm a.$  C. para a mamoa 3 de Pena Mosqueira

CSIC-726 —  $3010 \pm 75 a.$  C. para a 1.<sup>a</sup> fase de ocupação do Barrocal

Alto

ICEN-415 —  $2420 \pm 45 a.$  C. e CSIC-728 —  $2150 \pm 60$  para a 2.<sup>a</sup> fase de ocupação do Barrocal Alto.

O Planalto Mirandês, delimitado pelos rios Douro, a Leste, e Sabor, a W, corresponde, geográfica e topograficamente ao prolongamento, para W do Douro internacional, das superfícies planálticas e erosionadas do NW da Meseta espanhola.

Pode caracterizar-se como um vasto peneplano, alongado no sentido NE-SW, cujas altitudes médias rondam os 700 m. Devido ao clima continental, à desflorestação e à agricultura mecanizada, apresenta-se actualmente quase despido de vegetação.

Na sua parte central sobressaem, alinhados, alguns picos quartzíticos que atingem os 1000 m de altitude — *os Cimos do Mogadouro*. Porém, só se elevam em cerca de 100 m acima deste peneplano.

Os rebordos do planalto, que coincidem com as margens dos rios, ora apresentam quebras de nível abruptas (em *canyon*), ora pequenos montes que, numa estreita faixa, estabelecem uma transição mais suave para as margens dos rios. Nesta zona, o clima é mais ameno e a vegetação arbustiva e arbórea menos escassa.

Os monumentos com *tumuli* situam-se em pleno peneplano, essencialmente em torno aos *Cimos do Mogadouro* (dois deles estão na encosta suave de uma outra pequena elevação situada mais a N) acima dos 700 m de altitude; os povoados de ar livre, apesar de localizados perto dos rios Douro e Sabor, são povoados de montanha, pois implantam-se nas encostas de pequenos montes graníticos com condições naturais de defesa, entre os 500 e os 700 m de altitude. Abrigos gravados e abrigos e grutas utilizados provavelmente como habitat e/ou sepultura, ocupam as margens imediatas de pequenos ribeiros, afluentes ou subafluentes do Douro e Sabor, em altitudes também inferiores aos 700m.

As primeiras comunidades neolíticas que habitaram esta região são situáveis, pelas datas de C14, num período que abrange os finais do IV.<sup>o</sup> e os inícios do III.<sup>o</sup> mil. a. C., e expressam-se, julgamos, em monumentos providos de *tumulus* e num povoado — Barrocal Alto (1.<sup>a</sup> fase de ocupação).

Das 13 mamoas localizadas, um conjunto de 7 apresentam-se agrupadas em dois «núcleos» ou agrupamentos: «núcleo» de Pena Mosqueira com 4 e «núcleo» de Pena do Mocho com 3. As restantes 6 (onde incluímos aquelas situadas mais a N, em M. do Douro), surgem isoladas entre si.

Partindo do princípio de que a topografia representa um dos elementos mais estáveis da paisagem e atendendo à localização precisa dos *tumuli*, verifica-se a correspondência dos monumentos ou «núcleos» de monumentos a padrões de implantação bastante precisos. Com efeito, eles parecem ocupar segmentos de paisagens visualmente bem delimitados.

Inicialmente começámos por verificar que a paisagem imediata e visível do topo de cada monumento era sempre delimitada por acidentes topográficos, essencialmente por colinas. Como se tratava de uma observação bastante empírica experimentámos traçar, na carta militar, à esc. 1:25 000, os contornos desse território imediato à mamoas e visível a partir do topo desta, território ao qual demos o nome de *território visual* (*território de visibilidade*). Chegámos às conclusões seguintes.

No caso dos núcleos de mamoas, é monumento que aparenta ter maiores dimensões aquele que se situa no ponto topograficamente mais proeminente, sugerindo uma posição dominante relativamente aos restantes. O território que se observa a partir do seu topo (*o seu território visual*) inclui o *território visual* dos outros monumentos.

Os monumentos isolados, embora por vezes relativamente próximos tanto dos «núcleos» de *tumuli* (2-3 Km em linha recta), como entre si (1,5-2,5 Km), individualizam-se sempre de forma muito nítida no conjunto da paisagem estudada, dado que o território visível a partir de cada um deles não coincide com o dos monumentos vizinhos.

Este modelo de implantação, onde podemos «ligar» cada monumento ou «núcleo» de monumentos a um território visual, se correlacionado com a microtopografia, potencialidades agrícolas e cobertura vegetal do território na actualidade, aponta algumas constantes.

Além de as mamoas ocuparem os terrenos mais férteis desta região (solos de classe A e A+F)<sup>1</sup>, o segmento de território visualmente abarcado (*território visual*) apresenta uma certa complementaridade de

---

<sup>1</sup> Seg. a Carta de Capacidade de Uso do Solo, da Com. Nac. Ambiente, esc. 1: 1 000 000: classe A — utilização agrícola; «Complexo» A+F — utilização agrícola e florestal.

paisagens. Embora sendo dominantes (em extensão), as lombas suaves ou alargadas zonas aplanadas de solos férteis (onde actualmente se pratica uma agricultura cerealífera de sequeiro), elas são entrecortadas de pequenos riachos que correm por vales alargados. Em ambas, as condições pedológicas e hídricas são propícias ao desenvolvimento de prados naturais e mesmo de densas florestas (de folhosas). Estes são ainda os terrenos mais bem irrigados de toda esta região. Porque localizadas em suaves encostas ou lombas contíguas à serra (*Cimos do Mogadouro*), o território abrange zonas mais acidentadas que as anteriores, cujos solos, mais leves e mais pedregosos, se cobrem actualmente de *monte* — vegetação arbustiva de pequeno porte, e, sazonalmente, de uma vegetação herbácea bastante importante.

Desconhecemos se estes *tumuli* são contemporâneos ou aproximadamente contemporâneos entre si pois só dois deles foram escavados: a mamoa 3 de Pena Mosqueira («núcleo» de Pena Mosqueira) e mamoa do Barreiro.

A mamoa 3 de Pena Mosqueira, sem qualquer estrutura megalítica, continha um enterramento individual intacto e relativamente rico, possivelmente infantil e realizado no solo de base. Além de o espólio ser arcaizante, uma data de C14, recolhida de uma concentração de carvão sobre o enterramento, vem datar este ou indicar o *terminus post quem* para a construção do *tumulus*. Essa data indica os finais do IV.º - inícios do III.º mil. a. C.. A mamoa do Barreiro, também com um enterramento possivelmente individual, mas em fossa, poderá, se atendermos à tipologia do espólio funerário, ser um pouco mais recente. Contudo, deve situar-se ainda no início do III.º mil. Em ambos os casos foram utilizadas matérias-primas extra locais e extra regionais: sílex, azeviche e silimanite.

Por seu lado, o Barrocal Alto é um povoado de montanha. A sua primeira fase de ocupação, datada também de entre os finais do IV.º e os inícios do III.º mil. a. C., corresponde à implantação de estruturas de habitat — pequenos empedrados em fossa pouca profunda —, numa alargada plataforma da encosta do monte.

O espólio arqueológico não indica qualquer especialização. Os artefactos líticos, sobre lasca, são bastante toscos, embora apresentem vestígios de utilização. Trata-se de uma utensilagem multifuncional, possivelmente utilizada em tarefas quotidianas várias. Algumas destas lascas apresentam-se truncadas na extremidade distal e podem ter sido usadas encabadas, ou não, como utensílios diversos. Uma grande quantidade de moinhos não indica obrigatoriamente uma agricultura desenvolvida,

pois os mesmos podem ter sido somente usados para triturar bagas ou outros vegetais simplesmente recolectados. Tanto o espólio lítico polido — uma enxó, alisadores —, como aquele talhado —, atestam o uso exclusivo de matérias primas locais: quartzo, xisto e granito. A cerâmica apresenta recipientes predominantemente de dimensões médias e pequenas.

No entanto, o «território (teórico) de exploração» deste povoado<sup>2</sup> mostra, logo a partir dos 12', e, mais marcadamente, a partir dos 30', uma clara tendência para a diversificação ecológica. Essa diversificação traduz-se na ampliação, quer da montanha granítica, — utilizada actualmente para pastos de gado ovino e caprino e, até aos meados do séc. XX, também para a agricultura cerealífera feita à enxada —, quer de pequenos prados naturais, de solos férteis, mas húmidos e pesados.

Apesar das dificuldades que se nos colocam na comparação de comunidades cujos vestígios arqueológicos são de natureza diferente — monumentos simbólico-funerários e habitats —, cremos que aqueles não correspondem às mesmas comunidades, pois a distância pedestre do B. Alto às mamoadas mais próximas é de 3-4h. Deste modo, julgamos que se torna evidente a clara preferência dos construtores de *tumuli* pelos férteis terrenos do planalto, eventualmente mais ricos do ponto de vista florestal (e ecológico em geral), embora possivelmente com um clima mais agreste.

Porém, se atendermos ao espólio exumado nas mamoadas — quer ao que provem dos enterramentos, quer àquele recolhido das terras do *tumulus* — e às potencialidades dos territórios em análise (os «territórios visuais» deveriam integrar, pelo menos parcialmente, aquelas áreas de circulação/exploração do grupo), reparamos que a orientação (socio-económica) de ambas as comunidades — do planalto e do vale do Douro — pode não ter sido substancialmente diferente.

Verificamos ainda que ao longo do III.º mil., outras comunidades, patentes em vários povoados, continuam a ocupar os rebordos do planalto em montes de média altitude, perto dos rios Douro e Sabor, atestando uma continuação de povoamento nestas zonas.

No planalto não há vestígios de povoados. Porém, embora desconheçamos se alguns dos *tumuli* (ainda não escavados) possam já pertencer à 2.ª metade do III.º mil., constatamos que, pelo menos entre os finais do IV.º e os inícios ou 1.ª metade do III.º mil., dois tipos de

---

<sup>2</sup> Calculado em distâncias pedestres de 12', 30', 60' e 2h, tomando como ponto de partida o povoado.

comunidades se implantaram em territórios vizinhos, (no peneplano e nos vales dos rios). Podemos interpretar essa preferência como a materialização de diferentes tradições culturais e/ou cumulativamente, de orientações socio-económicas algo distintas.

No período abarcado pela 2.<sup>a</sup> metade do III.<sup>o</sup> mil., inícios do II.<sup>o</sup>, (Calcolítico-I. Bronze Inicial) conhecem-se 6 povoados (com implantação similar ao Barrocal Alto), um conjunto de 4 grutas usadas como espaço sepulcral e possivelmente habitacional (escavadas já no séc. XIX) e alguns abrigos e rochas de ar livre com arte rupestre.

Deste conjunto de estações, só dois povoados, muito próximos um do outro — Cunho e Barrocal Alto —, foram sistematicamente escavados. Os abrigos e rochas de ar livre são atribuídos a este período pela tipologia dos motivos representados, embora não possamos relacionar estreitamente estes locais simbólicos com os povoados. Constitui, talvez, exceção um povoado — Penas Róias —, onde um abrigo com pintura esquemática se integra nas formações rochosas imediatas ao habitat.

O B. Alto é o povoado mais bem conhecido. Na sua 2.<sup>a</sup> fase atesta, além da continuidade de povoamento da mesma encosta do monte, uma evidente continuidade cultural. Os restantes povoados, à excepção do Cunho que é rodeado essencialmente de montanha granítica, situam-se no epicentro de territórios de exploração similares.

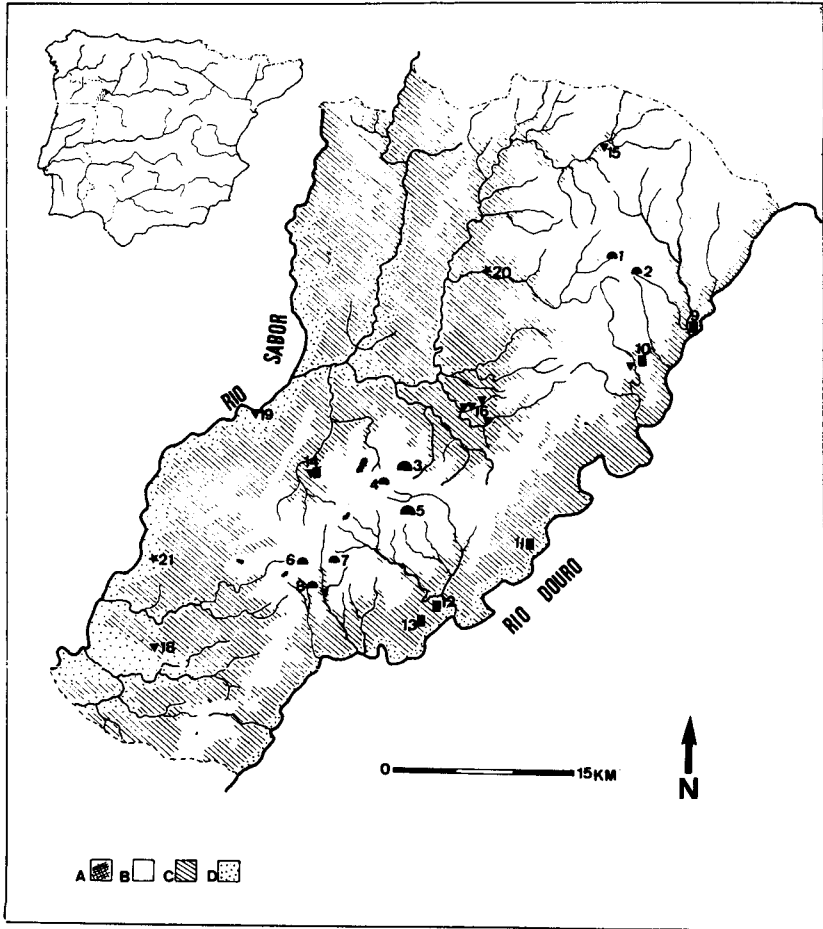
O espólio arqueológico, e, no caso da arte, os motivos gravados e pintados, relaciona culturalmente estas estações com outros sítios (povoados e abrigos) calcolíticos do N de Portugal e da Meseta N e NW espanhola. Por outro lado, a presença de matérias-primas extra-locais — anfíbolito, corneana —, e extra-regionais — sílex, cobre — atesta relações com o exterior, e parece indicar uma integração regional mais eficaz do ponto de vista económico e social, do que no período anterior.

É interessante notar que o Cunho, situado a 1h de distância pedestre do Barrocal Alto (embora os territórios de 30' de ambos já se sobreponham parcialmente), indique uma orientação económica algo diferente. Com efeito, tanto o território de exploração, como o espólio, apontam a pesca (pesos de rede) e a tecelagem (pesos de tear), como actividades importantes. Na presença de moinhos manuais, mas na fraca incidência, ou mesmo ausência, de outro espólio que se relacione com a agricultura, podemos supor uma recolha intensiva (de bolota ou outros frutos panificáveis ou trituráveis). No B. Alto, a desflorestação/agricultura, é comprovada pela grande quantidade de machados, enxós e moinhos (e ainda pelas

características ecológicas do território). Em contrapartida, a pesca parece ter tido pouco significado.

Os territórios de exploração de ambos os povoados, são propícios ao pastoreio (de gado ovino e caprino e, no B. Alto, também de gado bovino), e à caça, embora esta só esteja parcamente indicada nas poucas pontas de seta exumadas.

A circulação de metal neste período, mas essencialmente no início do II.º mil. (punções, alabardas, machados, punhais), pode indicar uma alteração das estruturas sociais de cada comunidade, mas as estratégias de povoamento não reflectem mudanças no plano económico, embora o «território» de cada povoado possa ter sido alvo de uma exploração mais intensiva.





**Est. I** — Localização das principais estações arqueológicas do Planalto Mirandês referenciadas no texto e sua posição relativamente ao relevo deste território.

A — altitudes superiores a 900 metros (Cimos do Mogadouro); B — altitudes compreendidas entre 700 e 900 metros; C — altitudes compreendidas entre 500 e 700 metros; D — altitudes inferiores a 500 metros.

Quadrados — povoados de ar livre; triângulos — abrigos e/ou rochas com gravuras ou pinturas; estrelas — abrigos sepulcrais e/ou habitacionais. 1 — Mamoá da Campina; 2 — Mamoá da Marmolina; 3 — Mamoas 1, 2 e 3 de Pena do Mocho; 4 — Mamoá do Mural; 5 — Mamoas 1, 2, 3 e 4 de Pena Mosqueira; 6 — Mamoá do Barreiro; 7 — *Modorra* de Vila de Ala; 8 — *Medorra* de V. do Rei; 9 — Raio; 10 — Urreta da Malhada e abrigo rupestre da Solhapa; 11 — Meirede; 12 — Cunho; 13 — Barrocal Alto; 14 — Penas Roias — povoado e abrigo com pinturas da Pena da Letra; 15 — Fraga do Rebolhão; 16 — Abrigos da Ribeira das Veigas/Vale de Palheiros: Fragas da Lapa; Vale de Espinheiros; Aguçadeiras e Vale de Palheiros; 17 — Fragas do Diabo; 18 — Fraga do Prado da Rodela; 19 — Fraga das Cruzes; 20 — Grutas de Ferreiros; 21 — Buraco do Gaitero. (Com base na Carta Militar de Portugal, na esc. 1:250000, folha 2).

